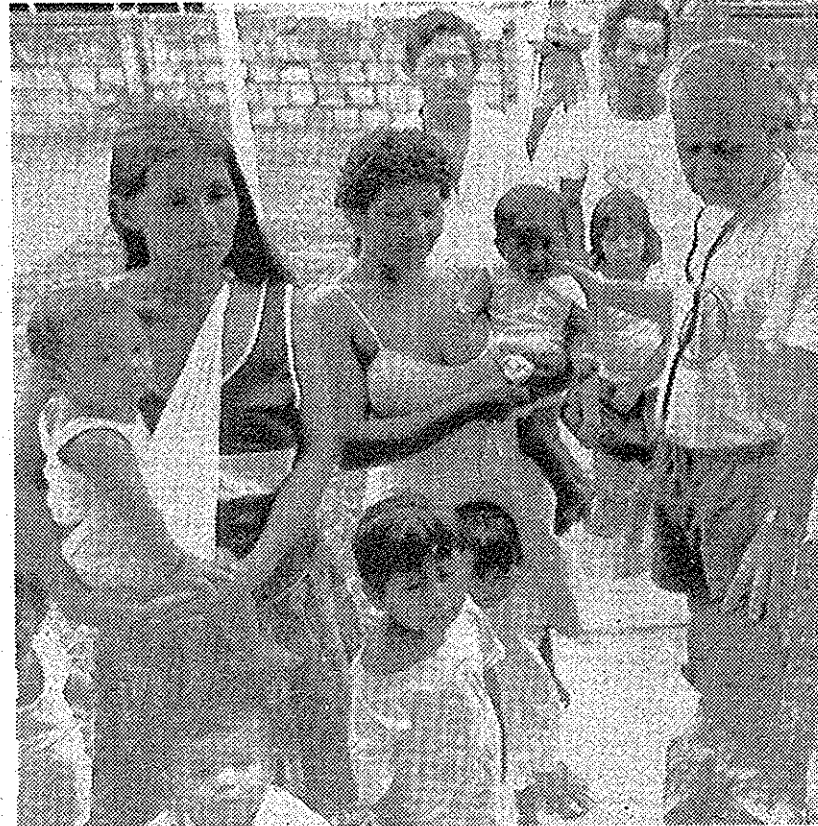
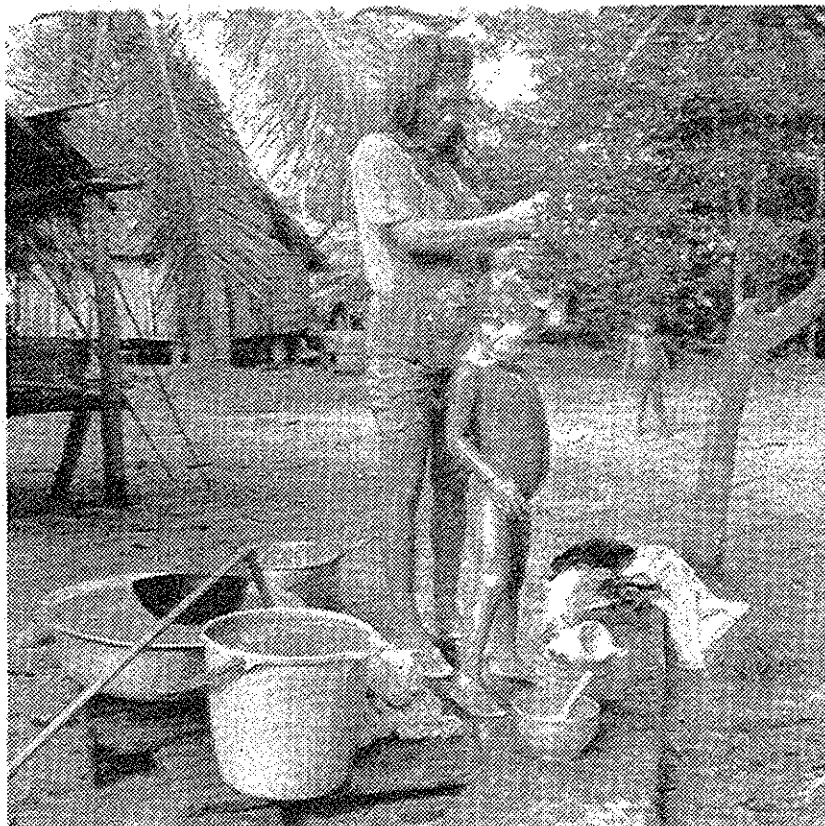


# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal do Brasil Class.: Índios / Saúde  
 Data 25/04/91 Pg.: 12 - 1º cad. 29



Belém do Solimões, AM — Tude Munhoz

*Apesar da precariedade das condições de vida nas aldeias, os ticunas seguem a orientação dos médicos*

### Aldeia ticuna enfrenta ameaça do primeiro surto

**Marceu Vieira**

TABATINGA, AM — Dezenove índios da tribo ticuna de Belém do Solimões, localidade paupérrima a cerca de 100 quilômetros da sede deste município, estão com sintomas de cólera. Dois deles, uma mulher de 40 anos e um bebê de sete meses, foram internados na noite de anteontem no Hospital de Guarnição de Tabatinga. Outros seis estão em estado crítico e só não foram hospitalizados porque não havia mais lugares no barco que trouxe a mulher e o bebê. Pode estar ocorrendo em Belém do Solimões, onde vive o índio Altenir Carlos Francisco, que continua internado com diagnóstico positivo da doença, o primeiro surto localizado de cólera em território brasileiro.

São estas as principais observações de relatório feito pelo epidemiologista Lúcio Flávio Castro Nasser, depois de passar dois dias entre os ticunas daquela comunidade. Nasser, que é indigenista, voltou alarmado com o que viu. "Infelizmente não havia muito espaço em nosso barco", lamentou. "Se houvesse, teríamos trazido todos os suspei-

tos". Em telefonema para Brasília, o chefe do Setor de Portos e Fronteiras do Ministério da Saúde, Afonso Infurnas, informou ainda ontem o ministro Alcení Guerra sobre a situação. Um médico e um enfermeiro da Marinha foram deslocados do Hospital Naval de Brasília para atender a população de Belém do Solimões, onde vivem 4 mil ticunas.

Nasser trouxe amostras das fezes dos 18 índios com sintomas de cólera para exame de lâmina no laboratório especialmente montado pelo Ministério da Saúde no Hospital de Tabatinga. Os resultados, disse, devem ficar prontos hoje. Segundo ele, de todos esses casos o que inspira mais cuidados é o da mulher índia internada pessoalmente por ele. "O bebê pode ter apenas uma desintéria grave. A mulher, pelo que pude constatar, está clinicamente com cólera". Josefa, como é conhecida em sua tribo, desembarcou no pequeno porto de Tabatinga e veio de ambulância para o hospital. Ela sentia câimbras devido à perda excessiva de líquidos e teve que ser levada de maca para o setor de isolamento.

Apesar da preocupação de Nasser

com os ticunas de Belém de Solimões, aquela comunidade parece estar mais preparada para enfrentar um surto de cólera do que a população da Ilha de Santa Rosa, no Peru, onde surgiram quatro dos sete casos até agora confirmados na região do Alto Solimões. Não existem banheiros na aldeia, mas os índios são orientados a usar as fossas secas existentes na área. A água que consomem é retirada de dois poços artesianos e, desde que a campanha contra a cólera chegou entre eles, os índios deixaram de comer ceviche. Nasser recolheu amostras da água dos dois poços artesanais para checar se existem neles focos do vibrião colérico.

O capitão de corveta Antonio Luís Cardoso Rosa, médico da Marinha, e o cabo-enfermeiro Flávio Vitorino ficaram em Belém do Solimões até amanhã de manhã, quando chegam dois outros médicos e dois auxiliares da Secretaria de Saúde do Estado. Todos os pacientes suspeitos foram examinados ontem, entre eles duas crianças de menos de um ano de idade. A menina Roseane Tauana, de 11 meses, chegou com muita diarreia no colo de sua mãe, Lucinda. Erolineiza, de sete meses, também tinha

vômitos. Sua mãe, Nazita, preocupada, levou todos os outros filhos ao pequeno posto de saúde, mas eles não apresentavam nenhum dos sintomas da cólera.

A família de Altenir também foi examinada. Seu pai, Manuel Francisco, se queixou de diarreia mas, segundo o médico, ele não estava desidratado. O reequipamento do posto de saúde, com a chegada de 20 camas, remédios, soros e kits para coleta de fezes, deixou Antonio Luís otimista. "Não será preciso mais deslocar todos os pacientes para o hospital de Tabatinga. Como a cólera é relativamente fácil de ser tratada, poderemos cuidar dos doentes aqui mesmo. Esse é o conselho que vou dar a quem me substituir", afirmou. O navio-hospital Oswaldo Cruz, que se desloca de Manaus para o Alto Solimões, só deve chegar amanhã à tarde. Segundo Afonso Infurnas, o atraso não causará maiores problemas. "A infra-estrutura que montamos aqui permite esperar mais um dia", disse.